

## **BENTO XVI: SEPARAÇÃO PREOCUPANTE ENTRE RAZÃO E LIBERDADE**

### **São equitativas as leis que respeitam a vida e promovem a solidariedade**

CIDADE DO VATICANO, quarta-feira, 16 de Dezembro de 2009 ([ZENIT.org](http://ZENIT.org)).- Em muitos países se assiste hoje a uma separação preocupante entre razão e liberdade, que pode levar a uma ditadura do relativismo.

Assim observou hoje Bento XVI por ocasião da audiência geral, reflectindo sobre o pensamento do teólogo inglês João de Salisbúria.

Falando para cerca de 9 mil pessoas presentes na sala Paulo VI, o pontífice explicou que este pensador do medievo sustentava que as leis humanas e a actuação política deveriam sempre conformar-se à lei natural.

Para João de Salisbúria, prosseguiu o Papa, existe “uma verdade objectiva e imutável, cuja origem é Deus, acessível à razão humana e que tem a ver com a actuação prática e social. Trata-se de um direito natural, no qual as leis humanas e as autoridades políticas e religiosas devem inspirar-se, para que possam promover o bem comum”.

Ao contrário da nossa época, observou o Papa, “sobretudo em alguns países, assistimos a um desapego preocupante entre a razão, que tem a tarefa de descobrir os valores éticos ligados à dignidade da pessoa humana, e a liberdade, que tem a responsabilidade de acolhê-los e promovê-los”.

“Talvez João de Salisbúria nos recordasse hoje que são conformes à equidade somente essas leis que tutelam a sacralidade da vida humana e rejeitam a licitação do aborto, da eutanásia e das experimentações genéticas sem limites, essas leis que respeitam a dignidade do matrimónio entre um homem e uma mulher, que se inspiram em uma correcta laicidade do Estado – laicidade que comporta sempre a salvaguarda da liberdade religiosa – e que buscam a subsidiariedade e a solidariedade no âmbito nacional e internacional.”

“Do contrário, acabaria por instaurar-se o que João de Salisbúria define como ‘a tirania do príncipe’ ou, diríamos nós, ‘a ditadura do relativismo’: um relativismo que, como recordava há alguns anos, ‘não reconhece nada como definitivo e deixa como última medida somente o próprio eu e seus caprichos’.”

Um tipo de relativismo ético, o que o Papa sublinha, que “frequentemente se estende à mídia”.

“Hoje – afirmou –, o que João chamava de ‘eloquência’, isto é, a possibilidade de comunicar com instrumentos cada vez mais elaborados e difundidos, multiplicou-se enormemente. Contudo, continua sendo urgente a necessidade de comunicar mensagens dotadas de ‘sabedoria’, isto é, inspiradas na verdade, na bondade, na beleza.”

“Esta é uma grande responsabilidade, que interpela em particular as pessoas que trabalham no âmbito multiforme e complexo da cultura, da comunicação, da mídia.”

A fonte última desta verdade, disse o Santo Padre, que deve guiar cada esfera da actuação humana, é Deus: “Este princípio é muito importante para a sociedade e para o desenvolvimento, enquanto nem uma nem outro podem ser somente produtos humanos”.

“A própria vocação ao desenvolvimento das pessoas e dos povos não se funda sobre a simples deliberação humana, mas está inscrita num plano que nos precede e constitui para todos nós um dever que há-de ser livremente assumido” para que nasça a justiça.